

A INFLUÊNCIA URBANA NUMA ÁREA RURAL DE MADAGASCAR

A evolução actual da maior parte das áreas rurais é o resultado do contacto entre as civilizações tradicionais dessas regiões e a civilização urbana, que vai sugerindo e criando novas necessidades em bens ou em serviços. «A organização do espaço actual é, assim, a tradução geográfica, na sequência de uma certa evolução histórica, da organização de uma sociedade que procura responder às suas necessidades».

Partindo destas premissas o autor tenta avaliar a influência de uma pequena cidade sobre o meio rural da bacia de Ambalavao, através do estudo de algumas aldeias desta bacia, procurando determinar os aspectos de que se reveste a influência urbana e o papel das condições naturais e das formas de organização tradicionais (1). Todo o trabalho é orientado no sentido de dar resposta às seguintes questões:

Em que medida a cidade de Ambalavao é factor de evolução da sua periferia rural? A cidade é ou não estranha a toda ou a parte da bacia? Nas áreas onde se detecta uma influência urbana, qual é o resultado deste processo? Desorganizam-se sobretudo as estruturas antigas, ou as funções urbanas suscitam inovações que dão resposta às novas necessidades criadas? Como se vinculam no espaço estas transformações? Consegue Ambalavao reinvestir no local os benefícios que lhe advêm das relações com o meio rural, ou a cidade constitui apenas um meio de drenagem e de empobrecimento local a favor de cidades mais importantes, como Fianarantsoa ou Tananarive?

PRIMEIROS FACTORES DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Após uma breve apresentação da localização e dos limites da bacia de Ambalavao, no primeiro capítulo, o autor trata da origem do povoamento, do ambiente físico, dos principais factos históricos que ainda hoje marcam a distribuição do povoamento e, finalmente, das principais fases do desenvolvimento urbano. Sobre o povoamento desta bacia importa reter que se trata de população Betsileo, cuja origem parece ter sido resultado da mestiçagem entre populações vindas do norte, que teriam

(1) MICHEL PORTAIS, *Le bassin d'Ambalavao. Influence urbaine et évolution des campagnes (Sud Betsileo Madagascar)*. Travaux et Documents de l'O. R. S. T. O. M., n.º 33, Paris, 1974, 162 p.

imprimido a esta etnia os traços mais característicos, e populações mais antigas já estabelecidas na região. Trata-se de uma civilização agrária apoiada fundamentalmente em duas actividades: rizicultura e criação de gado zebu, para a qual a procura de novas áreas de cultura do arroz teria determinado migrações de certo modo importantes.

É uma área de savana, no limite do domínio do clima semiárido, o que torna esta região bastante desfavorável para a cultura do arroz e para a criação de gado bovino, comparativamente com outras zonas da ilha.

Trata-se de uma ampla bacia de erosão, semeada de relevos residuais, testemunhos de um clima mais seco, onde a rede hidrográfica actual está ainda mal encaixada, sobretudo na parte leste da bacia, mas onde a presença de alguns vales encaixados e a existência de aluviões antigos sugere a existência de uma outra fase climática mais húmida que a actual.

A secura, ou melhor, a irregularidade das chuvas, e a falta periódica de água é hoje um dos principais problemas para os agricultores que se encaminham cada vez mais para a cultura irrigada. É, aliás, a impossibilidade, para os habitantes dos pequenos núcleos, de empreenderem trabalhos de drenagem sempre delicados, que explica, em parte, a relativa fraqueza do povoamento no centro da bacia, apesar da riqueza das terras «baiboho».

A divisão tradicional em três regiões ou reinos do país betsileo, o Lalangina, a Isandra e, ao sul, o Arindrano, que engloba a bacia de Ambalavao, teria sido, dadas as guerras que constantemente opunham os senhores locais, um factor importante para explicar a distribuição inicial do povoamento, quase sempre com povoações no cimo de colinas ou terraços protegidos por todos os lados por profundas fossas construídas pelo homem, sobretudo no sul da bacia, onde os sítios defensivos naturais são mais raros.

Só em 1900, com a colonização francesa e a completa pacificação da região, Ambalavao ascendeu à categoria de cidade, em detrimento de outras povoações mais a sul, que até aí beneficiavam de melhores sítios, como Ambohimandroso. A primeira fase de expansão de Ambalavao dá-se entre 1912 e 1916, período de construção da estrada que a liga a Fianarantsoa, à custa do desenvolvimento do mercado de bovinos que determinou grande incremento do comércio local. Durante e após a guerra de 1914-1918 começaram a abrir as primeiras fábricas: papel, tabaco, descasque de arroz, etc.

A população aumenta lenta mas progressivamente e em 1968 a comuna de Ambalavao atinge 12 000 habitantes. Desta população, a maior parte, cerca de 60 p. 100, é rural. Quanto às actividades dos sectores secundário e terciário, são quase todas executadas por população não betsileo, merina ou estrangeira (franceses, chineses, indianos), o que torna a vila de Ambalavao um tanto estranha à sua região, se bem que dela dependente, como se mostrará a seguir.

A repartição espacial da população da bacia reforça a relativa estranheza de Ambalavao em relação à região: bastante mais densa na parte leste, diminui para oeste, independentemente das condições naturais,

ou da presença da cidade, o que mostra que o povoamento da parte oeste da bacia se faz progressiva e tardiamente e apenas em função de dados históricos.

A NOVA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Independentemente destas diferenças locais, a penetração numa economia de mercado, ainda que com graus distintos, acabou por se verificar em toda a bacia. Para definir até que ponto se deu essa penetração e por que processos, foram estudadas as despesas familiares em 20 fogos de 5 aldeias próximas de Ambalavao e em 23 fogos de 6 aldeias mais afastadas. A análise dos resultados do inquérito, que é apresentado em anexo e que inclui questões sobre despesas com alimentação, vestuário, equipamento doméstico, habitação, exploração agrícola, escolarização, saúde, viagens, festejos tradicionais, impostos e diversos, permite constatar que a influência urbana tem uma relação directa com o aumento das necessidades monetárias. São também analisados alguns factores geográficos, como a proximidade da cidade, as facilidades de comunicação, a proximidade dum mercado, alguns factores de ordem física, como o valor dos solos, facilidade de irrigação, etc., que influenciam mais directamente o espaço rural. Procurou-se um «índice factorial de desenvolvimento da economia monetária» para 7 factores considerados importantes, concluindo-se que quer a proximidade da cidade quer as facilidades de comunicação são os dois factores mais importantes na introdução de novas necessidades entre os rurais e para a penetração de uma economia monetária. Os meios que mais facilitaram a fixação deste tipo de economia foram a introdução de impostos pela administração, a função comercial, que contribuiu muito para difundir novas necessidades (sobretudo o mercado semanal de Ambalavao) e a função escolar. Recentemente o aumento demográfico tem também contribuído para a fixação numa economia monetária, pois obriga a um aumento quantitativo da produção alimentar, a maiores investimentos no ensino, nas distrações, nos transportes, etc. Estima-se em cerca de 14 p. 100 a taxa de crescimento das despesas familiares por fogo, entre 1962 e 1969, a que corresponde, forçosamente, um aumento de produção por pessoa activa.

A propósito dos impostos é interessante fazer notar que não foi exclusivamente o lançamento do imposto que criou necessidades de moeda entre os autóctones (sobretudo porque já anteriormente, a partir de 1900-1940, as transacções comerciais se faziam através de moeda), mas a própria presença do funcionário e do missionário, que foram das poucas pessoas, estranhas ao mundo rural, a dar-lhes a conhecer novos modos de vida e novos utensílios. Foi também, talvez, a invejável posição social destes funcionários que incitou a população betsileo a enviar os filhos à escola. A escolarização é, aliás, bastante elevada, pois desde 1950 que aproximadamente 90 p. 100 das crianças vão à escola, tendo mesmo Ambalavao uma área de influência para a função escolar que

ultrapassa em muito a da própria bacia. Os principais problemas neste aspecto são de outra ordem: recrutamento de docentes e, ainda, «saber se um tal investimento é rendível para o mundo rural».

Para avaliar o modo como foram recebidos entre os rurais as inovações dependentes duma influência urbana e os aspectos de que se revestiu, quer nos tipos de produção agrícola, quer na comercialização dos produtos ou nas reacções perante novas técnicas de cultivo, o autor analisa primeiramente os domínios cuja incidência foi restrita, quer no espaço quer no rendimento familiar e, finalmente, as formas mais positivas e generalizadas da influência urbana.

De entre os primeiros factores é feita uma análise da importância de que se reveste ainda o trabalho da seda (outrora um dos recursos mais importantes da região, mas que hoje subsiste apenas em espaços restritos), mencionam-se aspectos muito curiosos quanto ao trabalho assalariado (no geral mal aceite pelos autóctones, de curta duração e quase exclusivamente entendido como meio de adquirir a importância necessária para o pagamento do imposto) e, finalmente, ainda quanto aos recursos que beneficiam pouco o conjunto dos rurais da bacia, analisa-se a importância das pensões dos «antigos combatentes», que atingem um montante global anual de 46 400 000 F. M. G. (*), mas que beneficiam directamente apenas cerca de 200 pensionistas «que consomem muito e investem pouco».

Se a influência da cidade nestes três domínios se pode considerar reduzida, foi muito mais determinante no aspecto agrícola, particularmente por ter transformado, em grande parte, a agricultura tradicional numa agricultura especulativa. Das culturas tradicionais mantêm-se, ainda com relativa importância no rendimento familiar, a rizicultura e a criação de bovinos. Após a guerra foram introduzidas a cultura do tabaco, do amendoim, a criação de porcos e de aves de capoeira, produções agora em estagnação; em franco progresso, pela sua relação directa com o mercado urbano, há culturas de legumes e frutos diversos, sobretudo laranjas.

Comparando a influência urbana sobre os rendimentos agrícolas, e tendo em conta as produções atrás referidas, verifica-se que a influência da cidade é muito mais perceptível nas cinco aldeias mais próximas e muito menos vinculada nas seis aldeias mais isoladas. O rendimento proveniente da venda de laranjas, por exemplo, é cerca de dez vezes superior nas aldeias próximas de Ambalavao.

Embora vários factores tivessem contribuído para a introdução e fixação numa economia de mercado, nem todos tiveram o mesmo peso. Podem considerar-se pouco animadores os resultados obtidos pela criação de cooperativas, de que houve várias tentativas com promotores diferentes em épocas distintas; foram positivos os resultados obtidos pela introdução da cultura do tabaco e, mais recentemente, do amendoim, de culturas hortícolas e de frutas. No aspecto técnico foi vantajosa a

(*) 50 F. M. G. (francos malgaches) valem 1 franco francês.

difusão da charrua, difíceis e por vezes sem resultados as operações de irrigação e os esforços para a introdução de novas técnicas de rega e, ainda, pouco frutíferas as tentativas para melhorar a qualidade dos bovinos criados pelo cruzamento de raças, já que a raça «brahman», que se tentou introduzir, embora dê carne em abundância, é pouco robusta, resiste mal às doenças e exige cuidados muito particulares, adaptando-se mal aos trabalhos nos arrozais.

Pode considerar-se que a maior parte dos sucessos se devem a iniciativas privadas e que os desaires são resultado de iniciativas oficiais ou exteriores, durante a colonização ou após a independência. A razão fundamental é que nem sempre os estrangeiros conhecem suficientemente bem as necessidades dos camponeses, ou não têm suficientemente em conta as suas aspirações, muitas vezes bem definidas e fundamentadas.

Finalmente, nota-se também que a adopção de inovações se faz, sobretudo nas aldeias mais afastadas, a um ritmo indesejavelmente lento em relação à aparição de novas necessidades, o que explica, em parte, o aparecimento de diferenciações regionais no interior da bacia, que passamos a examinar, tendo em conta, muito embora, que não é exclusivamente a função regional da cidade que explica as novas formas de organização e micro-regionalização do espaço. Na realidade, há factores de ordem física que contribuem também para explicar a feição actual da bacia: a inclinação das vertentes, mais íngremes na parte leste, o que determina formas de utilização do espaço particulares, como as culturas em socacos, quase sem utilização da charrua; a natureza dos solos, dum modo geral medíocres mas mais deteriorados nalgumas regiões pelas queimadas sucessivas; a existência de climas locais que condicionam a irrigação e drenagem, sobretudo na parte central, bastante seca e quente em confronto com o leste da bacia, Vale da Manantanna, mais húmido e menos quente.

Dos factores, já não da ordem física, que mais contribuem para explicar a regionalização actual, os mais importantes serão, talvez, as aquisições feitas pelas sociedades rurais no domínio das novas culturas, das técnicas agrícolas, das formas de organização das explorações e da comercialização dos produtos e, ainda, das alterações verificadas nos sistemas de propriedade que, curiosamente, contra o que é usual em muitas regiões tropicais, não têm aqui constituído obstáculo ao desenvolvimento.

A título de exemplo é apresentado um estudo comparativo, com abundante documentação cartográfica, de duas aldeias, uma sob a influência próxima da cidade, outra mais afastada, respectivamente Manambelo e Ambalafananarana. Sendo duas aldeias que outrora não diferiam a não ser pela densidade de ocupação do solo em arrozais, muito mais intensa em Ambalafananarana, a pouco e pouco a paisagem foi-se diferenciando, a ponto de hoje não parecerem sequer pertencer à mesma região. É nítida a oposição entre os campos próximos de Ambalafananarana — vastos campos de mandioca e amendoim, trabalhados à charrua, árvores de fruto variadas — e os campos periféricos de Manabelo — minúsculos, trabalhados ainda sem o auxílio da charrua,

essencialmente também de amendoim ou mandioca, subsidiariamente de outros produtos. As diferenças existentes reflectem-se forçosamente no rendimento médio por indivíduo, que atinge 6960 F. M. G. em Ambalafananarana contra 2480 F. M. G. em Manabelo.

Enquanto anteriormente a agricultura em toda a bacia se baseava, quase exclusivamente, na cultura do arroz e na criação de gado, originando paisagens quase uniformes, actualmente diferenciam-se pequenas regiões com sistemas de cultura e recursos económicos muito diferentes. Podem considerar-se essencialmente seis regiões, cada uma delas definida por características particulares que vão desde as condições físicas ao povoamento, aos tipos de cultura, à forma e extensão dos campos, à maior ou menor rapidez com que as inovações técnicas são aceites, resultando distintas as formas de utilização do espaço e os rendimentos médios familiares.

A INFLUÊNCIA ECONÓMICA DE AMBALAVAO

Independentemente da constatação das diferentes aptidões regionais no interior da bacia, importava considerar se existe ou não um verdadeiro desenvolvimento regional na estreita dependência da influência urbana de Ambalavao, para o que foram analisados dois factores: o papel atractivo da cidade quanto a fluxos humanos e o de capitais.

Entre 1954 e 1968, o crescimento natural, não incluindo portanto quaisquer movimentos migratórios, teria sido da ordem dos 40 p. 100. Dado que, tanto na comuna como na cidade de Ambalavao, o crescimento demográfico atingiu ou ultrapassou mesmo os 50 p. 100, a corrente migratória necessária para explicar esta diferença orça pelos 1000 indivíduos. Como a pirâmide de idades mostra um défice de homens entre 25 e 40 anos, o movimento migratório é duplo: emigração que afecta essencialmente este grupo de idades e imigração que ultrapassa os valores da emigração. Na realidade, a zona rural da bacia fornece mão-de-obra não qualificada, habitualmente temporária pelas razões já apontadas atrás, e ainda porque os empregos assalariados são pouco numerosos, constituindo Ambalavao apenas um centro atractivo de primeiro grau, veículo de saída de população activa para centros urbanos mais importantes. Este papel *relais* está particularmente bem definido no caso da população escolar, que após o termo dos estudos secundários raramente volta ao trabalho rural e, só acidentalmente também, se fixa em Ambalavao. Se o fluxo de escolarização é deficitário, tanto para a zona rural como mesmo para a cidade que se revela incapaz de reter a população que educa, isto deve-se, em parte, à falta de formação profissional técnica, tanto mais grave quanto a aquisição de uma formação básica dá à população uma certa ambição profissional que não consegue ali concretizar por falta de meios.

Paralelamente aos fluxos de movimentação de homens, realiza-se um não menos importante fluxo de capitais, de que são apresentados alguns elementos sobre a propriedade fundiária. Uma análise sumária

mostra que o maior número de aquisições (ou pelo menos de regularizações da situação fundiária) é de emigrantes que deixaram a região.

Ambalavao não é, na realidade, um verdadeiro centro regional à escala de Madagascar, pois depende estreitamente de centros urbanos numa hierarquia mais elevada como Fianarantsoa (centro importante de comércio grossista onde os comerciantes de Ambalavao se abastecem), Tananarive, Farafangana ou Tuléar. Apenas o mercado de bovinos lhe dá uma dimensão inter-regional sem que esta função tenha uma influência directa sobre os campos próximos; a transformação do tabaco representa também uma função industrial muito limitada. Dado que a função escolar — ainda que a taxa de escolarização seja boa à escala da ilha — está inadaptada às necessidades de região, Ambalavao acaba por alimentar um fluxo de homens e de capitais para outros centros. Esta cidade, que resultou de um esforço de vontade estranho à região, ainda hoje é animada por população sem ligações directas com o meio rural betsileo, ainda que algumas das iniciativas dela emanadas tenham obtido bons resultados: melhor utilização dos solos, melhor organização micro-regional, criação de aldeias-centros que se tornam, por sua vez, meios de difusão de inovações e necessidades.

Perante as condições existentes actualmente na bacia, e avançando para além da análise e síntese especificamente, ou pelo menos tradicionalmente geográficas, o autor acaba por sugerir um certo número de acções que considera necessárias, apontando várias soluções, sem todavia as discutir.

Em anexo, são ainda apresentados todos os questionários e inquéritos realizados, bem como uma breve discussão metodológica, vantagens e inconvenientes da orientação seguida. A este respeito convém mencionar a utilização de um processo de catalogar e apresentar a informação colhida, «ficheiro imagem», que na ausência de uma formação estatística sólida permite tratar documentação abundante e, ainda, uma apreciação visual rápida, global (*).

Numa área onde coexistem modos de vida que determinam formas de organização do espaço tradicionais e tentativas de adopção de novos géneros de vida, comandados pelos centros urbanos, o autor conseguiu realizar um trabalho útil, embora sem grandes novidades metodológicas. Avaliar a influência de dois tipos de civilização, urbana e rural tradicional, na organização do espaço actual e conseguir que o conhecimento dos modos de vida na bacia de Ambalavao permita sugerir, com base num trabalho sério, formas de actuação adaptadas ao género de vida existente, são resultados positivos perfeitamente ao alcance do geógrafo.

MARIA FERNANDA ALEGRIA

(*) Este método, da autoria de M. BERTIN, tem sido utilizado pelo Laboratório de Cartografia de l'École Pratique des Hautes Études, Paris.